APRENDENDO SOBRE A ARTE E SUA HISTÓRIA

DEISE MARA GONÇALVES MORAES PRADO

INTRODUÇÃO

O professor deverá proporcionar a seus alunos a leitura das mais diversas obras de Arte e produtos artísticos, de todas as épocas, povos, países, culturas, gêneros, estilos, movimentos, técnicas, autores, artistas, assim como as produções da própria classe envolvida. Além do fazer e do apreciar arte, é de fundamental importância a contextualização da obra de arte; todo o panorama social, político, histórico cultural em que foi produzida; como ela se insere no momento de sua produção e como esse momento se reflete nela. Pensar a Arte como objeto de conhecimento.

É a história da produção artística. Além do conhecimento da história das Artes: obras, autores, artistas, intérpretes, dramaturgos, coreógrafos, movimentos artísticos, estilos, gêneros, etc, essa reflexão sobre a Arte inclui também o conhecimento específico de cada linguagem artística: seus elementos, regras de composição, estilos, técnicas, materiais, instrumentos...

Também é objeto de estudo a divulgação da produção artística: museus, galerias, teatros, apresentações musicais e coreográficas, a mídia, jornais, revistas, emissoras de rádio, TV... Assim como as profissões relacionadas a todo o universo da Arte. Fazendo Arte, expressamos quem somos como nos sentimos como pensamos; damo-nos a conhecer ao outro. Conhecendo e fruindo arte, ampliamos nossa percepção de mundo, nossa relação com o outro: com uma criança, uma cultura, uma época, enfim, é a humanidade que se dá a conhecer.

A ARTE E A HISTÓRIA DA ARTE

Desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais. O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender de algum modo, seu ofício. E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos.

No entanto, a área que trata da educação escolar em artes tem um percurso relativamente recente e coincide com as transformações educacionais que caracterizaram o século XX em várias partes do mundo. A mudança radical que deslocou o foco de atenção da educação tradicional, centrado apenas na transmissão de conteúdos, para o processo de aprendizagem do aluno também ocorreu no âmbito do ensino de Arte. Ao recuperar, mesmo que brevemente, a história do ensino de Arte no Brasil, pode-se observar a integração de diferentes orientações quanto às suas finalidades, à formação e atuação dos professores, mas, especialmente, quanto às políticas educacionais e os enfoques filosóficos, pedagógicos e estéticos.

O ensino de Arte é identificado pela visão humanista e filosófica que demarcou as tendências tradicionalistas e escola novista. Embora ambas se contraponham em proposições, métodos e entendimento dos papéis do professor e do aluno, ficam evidentes as influências que exerceram nas ações escolares de Arte. Essas tendências vigoraram desde o início do século e ainda hoje participam das escolhas pedagógicas e estéticas de professores de Arte. Na primeira metade do século XX, as disciplinas Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico faziam parte dos programas das escolas primárias e secundárias, concentrando o conhecimento na transmissão de padrões e modelos das culturas predominantes.

Na escola tradicional, valorizavam-se especialmente as habilidades manuais, os "dons artísticos", os hábitos de organização e precisão, mostrando ao mesmo tempo uma visão utilitarista e imediatista da arte. Os professores trabalhavam com exercícios e modelos convencionais selecionados por eles em manuais e livros didáticos. O ensino de Arte era voltado essencialmente para o domínio técnico, mais centrado na figura do professor; competia a ele "transmitir" aos alunos os códigos, conceitos e categorias, ligados a padrões estéticos que variavam de linguagem para linguagem, mas que tinha em comum, sempre, a reprodução de modelos.

Entre os anos 20 e 70, as escolas brasileiras viveram outras experiências no âmbito do ensino e aprendizagem de arte, fortemente sustentadas pela estética modernista e com base na tendência escola novista. O ensino de Arte volta-se para o desenvolvimento natural da criança, centrado no respeito às suas necessidades e aspirações, valorizando suas formas de expressão e de compreensão do mundo. As práticas pedagógicas, que eram diretivas, com ênfase na repetição de modelos e no professor, são redimensionadas, deslocando-se a ênfase para os processos de desenvolvimento do aluno e sua criação.

As aulas de Desenho e Artes Plásticas assumem concepções de caráter mais expressivo, buscando a espontaneidade e valorizando o crescimento ativo e progressivo do aluno. As atividades de artes plásticas mostram-se como espaço de invenção, autonomia e descobertas, baseando-se especialmente na autoexpressão dos alunos.

Os professores da época estudam as novas teorias sobre o ensino de Arte divulgado no Brasil e no exterior, as quais favorecem o rompimento com a rigidez estética, marcadamente produtivista da escola tradicional. Em artes plásticas, acompanhou-se uma abertura crescente para as novas expressões e o surgimento dos museus de arte moderna e contemporânea em todo o País.

Em fins dos anos 60 e na década de 70 nota-se uma tentativa de aproximação entre as manifestações artísticas ocorridas fora do espaço escolar e a que se ensina dentro dele: é a época dos festivais da canção e das novas experiências teatrais, quando as escolas promovem festivais de música e teatro com grande mobilização dos estudantes. Esses momentos de aproximação — que já se anunciaram quando algumas ideias e a estética modernista influenciou o ensino de Arte — são importantes, já que sugerem um caminho integrado à realidade artística brasileira, considerada mundialmente original e rica.

A questão central do ensino de Arte no Brasil diz respeito a um enorme descompasso entre a produção teórica, que tem um trajeto de constantes perguntas e formulações, e o acesso dos professores a essa produção, que é dificultado pela fragilidade de sua formação, pela pequena quantidade de livros editados sobre o assunto, sem falar nas inúmeras visões preconcebidas que reduzem a atividade artística na escola a um verniz de superfície, que visa às comemorações de datas cívicas e enfeitar o cotidiano escolar.

Ensinar arte em consonância com os modos de aprendizagem do aluno significa, então, não isolar a escola da informação sobre a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias. E tudo isso integrado aos aspectos lúdicos e prazerosos que se apresentam durante a atividade artística.

Assim, aprender com sentido e prazer estão associados à compreensão mais clara daquilo que é ensinado. Para tanto, os conteúdos da arte não podem ser banalizados, mas devem ser ensinados por meio de situações e/ou propostas que alcancem os modos de aprender do aluno e garantam a participação de cada um dentro da sala de aula. Tais orientações favorecem o emergir de formulações pessoais de ideias, hipóteses, teorias e formas artísticas.

Quando brinca, a criança desenvolve atividades rítmicas, melódicas, fantasia-se de adulto, produz desenhos, danças, inventa histórias. Mas esse lugar da atividade lúdica no início da infância é cada vez mais substituído, fora e dentro da escola, por situações que antes favorecem a reprodução mecânica de valores impostos pela cultura de massas em detrimento da experiência imaginativa. Embora o jovem tenha sempre grande interesse por aprender a fazer formas presentes no entorno, mantém o desenvolvimento de seu percurso de criação individual, que não pode se perder.

O aluno pode e quer criar suas próprias imagens partindo de uma experiência pessoal particular, de algo que viveu ou aprendeu da escolha de um tema, de uma técnica, ou de uma influência, ou de um contato com a natureza e assim por diante. Cabe também ao professor tanto alimentar os alunos com informações e procedimentos de artes que podem e querem dominar quanto saber orientar e preservar o desenvolvimento do trabalho pessoal, proporcionando ao aluno oportunidade de realizar suas próprias escolhas para concretizar projetos pessoais e grupais.

A qualidade da ação pedagógica que considera tanto as competências relativas à percepção estética quanto aquelas envolvidas no fazer artístico pode contribuir para o fortalecimento da consciência criadora do aluno. O aluno fica exigente e muito crítico em relação à própria produção, justamente porque nesse momento de seu desenvolvimento já pode compará-la, de modo mais sistemático, às do círculo de produção social ao qual tem acesso. Essa caracterização do aluno tem levado à crença de que nesse período a criança é menos espontânea e menos criativa nas atividades artísticas que no período anterior à escolaridade.

Criar e perceber formas visuais implica trabalhar frequentemente com as relações entre os elementos que as compõem, tais como ponto, linha, plano, cor, luz, movimento e ritmo. As articulações desses elementos nas imagens dá origem à configuração de códigos que se transformam ao longo dos tempos. Tais normas de formação das imagens podem ser assimiladas pelos alunos como conhecimento e aplicação prática recriadora e atualizada em seus trabalhos, conforme seus projetos demandem e sua sensibilidade e condições de concretizá-los permitam. O aluno também cria suas poéticas na qual gera códigos pessoais.

Durante as ultimas décadas a historia da arte pode extrair de toda sua historia passada cinco orientações metodológicas principais: formalista, marxista, sociológica, iconológica e semiológica ou estruturalista. A primeira se prende ao estudo da composição, da forma e do volumes, tende a isolar as cronologias históricas, e cria uma escala de referencias internas que permite atribuições e classificações. Na franca, a escola formalista que se desenvolveu em torno de Henri Focilon desempenhou um papel importante no seio das instancias internacionais da historia da arte (A. Chastel, L. Grodecki).

As aulas de arte centralizam se em objetivos que visam o desenvolvimento da cria-

tividade dos alunos, com base especialmente nos estudos de autores: Carl Rogers e Guilford, Lowenfeld. No entanto a polarização e busca exagerada da criatividade tem levado inúmeros professores a desvios de toda ordem. Nas décadas de 60 e 70, por influencia ainda da psicologia, chegaram às aulas de arte os exercícios de sensibilização destinados a desbloquear o aluno e soltar sua fluência criativa.

" Frequentemente, alunos são submetidos a exercícios inócuos ou, pior ainda dez estruturadores, que mais servem para instaurar ou fortalecer bloqueios do que para fazer fluir a criação. Frequentemente ouço alunos expostos a tais exercícios dizerem que foram submetidos a técnicas ridicularizantes. Por outro lado, outros, nas fazes mais emocionadas das aulas de criação, insistem em querer expor suas emoções além do necessário para consecução da obra, tomando o professor com seu confessor"(SAMIR CURI, op.cit, p, 16).

Em cada momento especifico e em cada cultura, o homem tenta satisfazer suas necessidades socioculturais também por meio de sua vontade / necessidade de arte. Caminhando da representação artística mais instintiva do modelo natural, para a representação dos elementos da abstração mais pura, ele encontra leis, são as únicas e as supremas nas quais o homem pode descansar diante do imenso caos do panorama universal. Ele vai além: o impulso artístico primordial não tem nada a ver com a natureza. Busca a abstração pura, u8nica possibilidade de descanso em meio à confusão e caprichos do mundo e como necessidade instintiva cria com base em si mesmo a abstração geométrica.

Ao desenhar nas paredes das cavernas e fabricar cestarias e cerâmicas, o homem "primitivo' 'era impulsionado pelas mesmas questões de sobrevivências que motivariam o homem do renascimento e o do século XX. A arte, então, aparece no mundo humano com forma de organização, como modo de transformar a experiencia vivida em objeto de conhecimento que se desvela por meio de sentimentos, percepções e imaginações.

Assim, ela abarca um tipo de conhecimento com base em universos sensíveis e ideais da apreensão humana da realidade. E preciso, entretanto, salientar que, embora a questão básica do conhecimento seja a mesma desde o homem primitivo, suas manifestações mudam ao longo do tempo. "toda obra de arte e filha de seu tempo" diz kandinsky, " e muitas vezes, mãe de nossos sentimentos. Cada época de uma civilização cria uma arte que lhe e própria e que jamais se vera renascer [...] kandinsky (1990).

Essas mudanças que a arte sofre são produtos das transformações que se processam na realidade social, e se refletem nos meios da produção artísticas. A arte evidencia sempre o momento histórico do homem. Cada época, com suas características, contando o seu momento de vida, faz um percurso próprio na representação, como questão de sobrevivência.

Conceituar arte não e tarefa fácil. No entanto, aquele que a realiza ou a estuda sempre tem dela uma concepção, mesmo que inconsciente. Luigi pareyson agrupa as definições de arte encontradas na historia dos pensamentos ocidental em três vertentes principais que predominam alternadamente em diferentes momentos históricos. Arte como fazer, como conhecer e como exprimir. Seguindo esta perspectiva o autor teoriza uma estética da " normatividade", segundo a qual " a atividade artística consiste propriamente no "formar", isto e, ao mesmo tempo, inventar, figurar, descobrir. Luigi pareyson, (1989).

Segundo Buoro (2001) a função do ensino da arte nas escolas deveria ser de construir leitores sensíveis e competentes para continuar se construindo, adquirindo autonomia do processo, fazendo assim aflorar o toque do próprio olhar a sensibilidade então de construir a sua forma de estar e viver no mundo. A produção em arte é o próprio ato de criar, construir e reproduzir. São momentos em que o aluno desenha, pinta, esculpi, modela, recorta, cola, canta, toca um instrumento, compõe, atua, dança, representa, constrói personagens, simboliza... A Fruição é a apreciação estética, é o próprio ato de perceber, ler, analisar, interpretar, criticar, refletir sobre um texto sonoro, pictórico, visual ou corporal.

A Reflexão é quando existe a contextualização do que está aprendendo, por exemplo, ao conhecer uma obra de arte é de fundamental importância contextualizar o panorama social, político, histórico cultural em que foi produzida. Como ela se insere no momento de sua produção e como este momento se reflete nela. A reflexão sobre arte inclui também o conhecimento específico de cada linguagem artística: seus elementos, regras de composição, estilos, técnicas, materiais, instrumentos.

Com a disciplina de Arte fazendo parte do currículo, Fusari e Ferraz (1993) acreditam que ela deve compartilhar com as demais disciplinas num projeto individual e coletivo, e cabe ao docente, junto com os demais, contribuir para a preparação de indivíduos que percebam melhor o mundo em que vivem. As autoras também defendem que as produções artísticas presentes nas diversas culturas da sociedade fazem parte direta e indiretamente da vida dos aprendizes. Por isso, os aspectos artísticos e estéticos dessa cultura, em sua gama de execuções históricas e modernas, deverão mobilizar as escolhas dos conteúdos escolares em arte.

Dentre os conhecimentos, é importante ter-se como critérios à opção por aqueles considerados mais significativos para a formação do cidadão contemporâneo. As autoras ainda ressaltam que em aulas de arte, espera-se que os aprendizes vivenciem intensamente o processo artístico, acionando e evoluindo em seus modos de fazer técnico, de representação imaginativa e de expressividade.

Ao mesmo tempo espera-se que aprendam sobre outros autores, artistas, sobre obras de arte, aumente assim os seus conhecimentos e interesses pela arte. E é muito importante saber sobre as produções dos artistas, também como resultante da articulação do construir, do representar o mundo, do exprimir, e como é difundida por vários meios de comunicação. Segundo Ferraz; Fusari, (1993), esse posicionamento na escolarização de crianças e jovens em arte tem uma história com várias marcas presentes em nossas atuais idéias e práticas tanto estética quanto pedagógicas.

Algumas dessas marcas históricas queremos conservar e outras queremos transformar para melhor, tendo em vista o compromisso escola de ajudar na democratização da cultura artística junto aos estudantes. Exemplificando, há professores cujo ideário é desenvolver cursos de arte com aulas em que não existam atitudes educativas diretivas com os alunos. Assim, esses professores entendem que basta organizar e coordenar os ambientes das salas de aula provendo-os com vários materiais para que aconteçam trabalhos espontâneos, livres e para que assim os alunos saibam arte. Com esse ideário, esses docentes poucos interferem nos rumos do curso e nos estudos artísticos. São professores cujos posicionamentos em educação escola em arte não são de todo incorretos, todavia, são incompletos e reduzidos. (FERRAZ; FUSARI, 1993, p.99).

O papel do docente é importante no ensino, já que é ele que oferece condições para os estudos e transmitir o conhecimento ao aluno. A criança está frequentemente assimilando aquilo que está em seu redor, cabendo ao professor de arte saber lidar com os acontecimentos na sala de aula, introduzindo sua metodologia de trabalho. É importante observar o que ocorre nos passeios, nos trajetos de ida e volta à escola, nas brincadeiras, programas de rádios e televisão e analisar se essas vivências estão contribuindo com o desenvolvimento do aluno. A tarefa do professor de artes é auxiliar o desenvolvimento com base nessa percepções.

Qualquer conceito estético ou artístico pode ser trabalhado a partir do cotidiano tanto da natureza quanto da cultura como um todo. Assim, é bastante enriquecedor solicitar que as crianças levem para a escola, por exemplo, elementos que se refiram a um determinado assunto de artes a ser trabalhado. O professor também deverá fazê-lo. Desta maneira, havendo interesse em trabalhar as percepções e seus elementos (como texturas, cores), pode se colecionar da natureza – flores, folhas, gravetos, pedras, etc. – ou de materiais produzidos pelo homem – como tecidos, pedaços de papeis, rótulos, embalagens, fotografias, ilustrações, objetos de uso cotidiano, sons, canções e outros – que serão reunidos na classe como material auxiliar para as aulas de artes. (FERRAZ; FUSARI, 1993, p.49).

O processo de conhecimento na área artística se dá especialmente por meio da resolução de problemas, assim como nas outras disciplinas do currículo escolar. Quais questões devem ser propostas para os alunos durante sua aprendizagem artística, ou outro modo, o que é resolver problemas em arte? A partir da reflexão sobre essa pergunta, são apresentados alguns pontos que visam orientar os professores de Arte na compreensão das tarefas e papéis que podem desempenhar a fim de instrumentalizar o processo de aprendizagem dos alunos.

O professor deve trabalhar esses materiais conforme o envolvimento e plano de aula, ajudando a concretizar os conhecimentos sobre artes. Em qualquer idade a criança tem capacidade para assemelhar as diversidades formais, estruturais e cromáticas existente no mundo no qual ele está inserido. O contato da criança com as obras de artes também é outro ponto importante, porque possibilita a praticar as atividades artísticas, adquirindo novos repertórios relacionando com suas experiências já estabelecidas em sua vida. O professor deve mostrar aos alunos as diversas possibilidades que encontramos por meio das expressões artísticas, considerando inúmeros elementos que compõem a arte.

É necessário que o professor possibilite aos alunos o desenvolvimento de sua percepção, imaginação, raciocínio, dentre outros aspectos que ajudarão no processo de ensino aprendizagem, tornado os seres capazes de analisar, refletir e emitir opiniões. Ferramentas simbólicas para abrir a fantasia e a criatividade do aluno, abrem caminhos para a autonomia e construção de significados, sentidos, aprendizagem e regras sociais.

O docente tem na Arte um grande suporte para seu trabalho educativo, por meio do qual se têm a possibilidade de observar tendências individuais e com base em encaminhar a formação do gosto, estimular a inteligência e ajudar na formação da personalidade de seus alunos, quando o mesmo brinca passa a desenvolver várias competências, afetividade, linguagem oral e escrita, motricidade, percepção, memória e a representação de mundo.

À definição de como todas as áreas de Artes serão organizadas no percurso de

aprendizado formal na Educação Básica. Segundo o texto dos PCNs: Tendo em vista não haver definições para a presença das diversas formas artísticas no currículo e o professor das séries iniciais não ter vivenciado uma formação mais acurada nesta área, optou-se por uma proposição de conteúdos sem diferenciação por ciclos escolares, A critério das escolas e respectivos professores, é preciso variar as formas artísticas propostas ao longo da escolaridade, quando serão trabalhadas artes visuais, dança música ou teatro. (BRASIL 1997).

E mais adiante, sugerem que o trabalho por projetos "são adequados para abordar conteúdos e formas artísticas que não foram eleitas para o currículo daquele ciclo" (Brasil 1997). Ou seja, é muito provável que a grande parte dos professores atuantes, ainda com formação em Arte-Educação, com maior tendência (ou preparo?) para atuar nas artes plásticas, continuem suas práticas tradicionais, e utilize a música somente como pano de fundo para festinhas escolares, e datas comemorativas, sem desenvolver um trabalho consistente de musicalização.

Por fim, percebe-se que apesar de haver boas idéias e boas intenções, há uma impossibilidade de ordem prática para a implantação dos PCN-Arte nas escolas. A maior parte das críticas dirigidas a esse documento está relacionada com a falta de compreensão da realidade das escolas, especialmente as escolas públicas, brasileiras, Para Souza, isso ocorreu porque o texto preliminar não foi amplamente debatido e divulgado. Para a autora, uma das possíveis soluções seria contrapor outro projeto, mais articulado e melhor preparado.

Porém, outra solução, talvez utópica nesse momento, seja exigir que o governo cumpra com suas metas de investir na formação inicial e continuada para o magistério, facilite o acesso a livros didáticos para os profissionais da área, e contrate novos professores para atuar nas suas respectivas áreas de habilitação especifica. De qualquer forma, precisam ser pensadas e ações precisam ser tomadas, já que oito anos após publicação do segundo volume dos PCNs? Pouca coisa mudou na pratica do dia-a-dia de sala de aula.

É importante lembrarmos que, após vinte e cinco anos de um ensino de Artes polivalente, após a Lei 5692/71, que instituiu a Arte-Educação nas escolas brasileiras (Oliveira 1998), em que um único professor era o responsável pelo ensino de todas as áreas artísticas, a LDB de 1996, traz uma grande mudança, tornando obrigatório o ensino de Artes, porém dividida em cada uma das modalidades artísticas já especificadas. E nesse contexto que surgem os PCNs, como uma forma de orientar a ação pedagógica de cada uma das áreas de Artes, nas salas de aula.

Um espaço assim concebido convida e propicia a criação dos alunos. Um espaço desorganizado, impessoal, repleto de clichês, como as imagens supostamente infantis, desmente o propósito enunciado pela área. A criação do espaço de trabalho é um tipo de intervenção que "fala" a respeito das artes e de suas características por meio da organização de formas manifestadas no silêncio, em ruídos, sons, ritmos, luminosidades, gestos, cores, texturas, volumes, do ambiente que recebe os alunos, em consonância com os conteúdos da área.

Um bom planejamento precisa garantir a cada modalidade artística no mínimo duas aulas semanal, em sequência, a cada ano, para que o aluno possa observar continuidade e estabelecer relações entre diversos conteúdos, tanto em relação aos conceitos da área quanto ao próprio percurso de criação pessoal.

Por exemplo, se Artes Visuais e Teatro forem eleitos respectivamente nas primeiras e segundas séries, as demais formas de arte poderão ser abordadas em alguns projetos interdisciplinares, em visitas a espetáculos, apresentações ou apreciação de reproduções em vídeos, pôsteres, etc. A mesma escola trabalhará com Dança e Música nas terceira e quarta séries, invertendo a opção pelos projetos interdisciplinares. (Brasil. 1997.)

A arte é importante na vida da criança, uma vez colabora para o seu desenvolvimento expressivo, para a construção de sua poética pessoal e para o desenvolvimento de sua criatividade, tornando-a um indivíduo mais sensível e que vê o mundo com outros olhos. Os seres humanos são dotados de criatividade e possuem a capacidade de aprender e de ensinar. A criatividade da criança precisa ser trabalhada e desenvolvida, e é por meio do trabalho realizado com a arte nas escolas que isso será possível, já que nas palavras de Buoro

(2000, p. 39) "Arte se ensina, Arte se aprende". Porém, nas escolas podemos ver que ocorre o contrário, a arte está sendo desvalorizados e colocados apenas como "momento de repouso" das outras disciplinas que são consideradas mais importantes, ou ainda recurso para enfeitarem datas comemorativas, como nos relata os PCN – Artes (1997).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte é um modo privilegiado de conhecimento e aproximação entre indivíduos de culturas distintas, já que favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças expressas nos produtos artísticos e concepções estéticas, num plano que vai além do discurso verbal: uma criança da cidade, ao observar uma dança indígena, estabelece um contato com o índio que pode revelar mais sobre o

valor e a extensão de seu universo do que uma explanação sobre a função do rito nas comunidades indígenas. E vice-versa. Nessa perspectiva, a área de Arte tem uma função importante a cumprir.

A história da arte permanece dividida, tal como a historia, entre tendência e escolas. Do colecionador passou se aos catálogos e ao arquivamento informatizado das obras. No curso dos últimos anos a historia da arte fez progressos formidáveis, entre as disciplinas históricas, a historia da arte e uma das que descreveu a curva de crescimento mais rápida. Arte e uma ciência que se interessa por todo o período, por todas as artes, e que acompanha a historia, ela leva em consideração todos os suportes e todos os meios de expressão de todas as épocas. Ela não e mais sensível unicamente às questões de datação, de atribuição ou de interpretação iconográfica, mas contribui igualmente para a compreensão das condições de criação.

Ela situa o fazer artística como fato e necessidade de humanizar o homem histórico, brasileiro, que conhece suas características tanto particulares, tal como se mostra na criação de uma arte brasileira, quanto universais, tal como se revelam no ponto de encontro entre o fazer artístico dos alunos e o fazer dos artistas de todos os tempos, que sempre inauguram formas de tornar presente o inexplicável.

Também cabe à escola orientar seu trabalho com o objetivo de preservar e impulsionar a dinâmica do desenvolvimento e da aprendizagem, preservando a autonomia do aluno e favorecendo o contato sistemático com os conteúdos, temas e atividades que melhor garantirão seu progresso e integração como estudante.

Tal conjunto de considerações sobre os modos de aprender e ensinar arte possibilita uma revisão das teorias sobre a arte da criança e do adolescente.

A ação artística também costuma envolver criação grupal: nesse momento a arte contribui para o fortalecimento do conceito de grupo como socializador e criador de um universo imaginário, atualizando referências e desenvolvendo sua própria história. A arte torna presente o grupo para si mesmo, por meio de suas representações imaginárias. O aspecto lúdico dessa atividade é fundamental.

Se os professores adquirirem consciência sobre o quão importante é o trabalho através dessa arte, com certeza tirariam maior proveito dessa ferramenta riquíssima.

Ao explanar este tema, buscou-se estudar as contribuições do movimento corporal e criativo na educação infantil.

Para todos aqueles que trabalham nesta etapa de escolaridade, é possível constatar a influência que a linguagem corporal pode proporcionar para a construção de um ser humano mais criativo, crítico e original.

O processo de formação de conceitos nos alunos remete às relações entre pensamento e linguagem, à questão cultural no processo de construção de significados pelos indivíduos, ao processo de internalização e ao papel da escola na transmissão de conhecimento, que é de natureza diferente daqueles aprendidos na vida cotidiana. Destarte, a formação das funções psíquicas superiores tem sua internalização mediada pela cultura.

O processo de internalização é fundamental para o desenvolvimento do funcionamento psicológico humano. A internalização envolve uma atividade externa que deve ser modificada para tornar-se uma atividade interna, é interpessoal e se torna intrapessoal.

O papel do professor deve ser o de organizar, planejar situações permanentes e diversas em sua rotina para que a criança possa ter autonomia nas suas escolhas, e dentro deste contexto, propiciar situações que constitua um meio de expressão para criança.

Desta forma, a aprendizagem interage com o desenvolvimento, produzindo abertura nas zonas de desenvolvimento proximal (distância entre aquilo que a criança faz sozinha e o que ela é capaz de fazer com a intervenção de um adulto; potencialidade para aprender, que não é a mesma para todas as pessoas; ou seja, distância entre o nível de desenvolvimento real e o potencial) nas quais as interações sociais são centrais, estando então, ambos os processos, aprendizagem e desenvolvimento, inter-relacionados; assim, um conceito que se pretenda trabalhar, como por exemplo, em matemática, requer sempre um grau de experiência anterior para a criança.

O desenvolvimento cognitivo é produzido pelo processo de internalização da interação social com materiais fornecidos pela cultura, sendo que o processo se constrói de fora para dentro.

O sujeito não é apenas ativo, mas interativo, porque forma conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais.

É na troca com outros sujeitos e consigo próprio que se vão internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimentos e da própria consciência. Trata-se de um processo que caminha do plano social - relações interpessoais - para o plano individual interno - relações intrapessoais.

Assim, a escola é o lugar onde a intervenção pedagógica intencional desencadeia o processo ensino-aprendizagem.

O professor tem o papel explícito de interferir no processo, diferentemente de si-

tuações informais nas quais a criança aprende por imersão em um ambiente cultural. Portanto, é papel do docente provocar avanços nos alunos e isso se torna possível com sua interferência na zona proximal.

Da mesma maneira, deve-se citar a importância da atuação dos outros membros do grupo social na mediação entre a cultura e o indivíduo, pois uma intervenção deliberada desses membros da cultura, nessa perspectiva, é essencial no processo de desenvolvimento. Isso nos mostra os processos pedagógicos como intencionais, deliberados, sendo o objeto dessa intervenção: a construção de conceitos.

O aluno não é tão somente o sujeito da aprendizagem, mas, aquele que aprende junto ao outro o que o seu grupo social produz, tal como: valores, linguagem e o próprio conhecimento.

A formação de conceitos espontâneos ou cotidianos desenvolvidos no decorrer das interações sociais, diferenciam-se dos conceitos científicos adquiridos pelo ensino, parte de um sistema organizado de conhecimentos.

A aprendizagem é fundamental ao desenvolvimento dos processos internos na interação com outras pessoas.

Ao observar a zona proximal, o educador pode orientar o aprendizado no sentido de adiantar o desenvolvimento potencial de uma criança, tornando-o real. Nesse ínterim, o ensino deve passar do grupo para o indivíduo. Em outras palavras, o ambiente influenciaria a internalização das atividades cognitivas no indivíduo, de modo que, o aprendizado gere o desenvolvimento. Portanto, o desenvolvimento mental só pode realizar-se por intermédio do aprendizado.

A linguagem, sistema simbólico dos grupos humanos, representa um salto qualitativo na evolução da espécie. É ela que fornece os conceitos, as formas de organização do real, a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. É por meio dela que as funções mentais superiores são socialmente formadas e culturalmente transmitidas, portanto, sociedades e culturas diferentes produzem estruturas diferenciadas.

Uma linguagem corporal rica e diferenciada será evidenciada quando a importância dela for valorizada, de fato, desde os primeiros anos de escolaridade, destacando-se assim, a importância da expressão de liberdade na educação infantil.

Assim, cabe a instituição escolar, oferecer oportunidades criativas e dialógicas, ampliando as capacidades e as experiências das crianças de modo que elas possam transformar o mundo com autonomia. “A criança que não arrisca e não explora seu corpo em movimento não será uma criança saudável e depois quem sabe um adolescente desorganizado”. (Uxa Xavier)

REFERÊNCIAS

BARRAL, Altet, Xavier, História da arte, campinas, sp. Papirus, 1990.

BUORO, Anamélia Bueno, o olhar em construção: uma experiencia de ensino e aprendizagem da arte na escola. 5. ed. São Paulo . Cortez 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo e FUSARI, Maria F. de Rezende. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 1993.

FUSARI, Maria F. Rezende. Arte na educação escolar. São Paulo ,Cortez 1993.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas

Pedagógicas. O ensino de arte nas séries iniciais: ciclo I / Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas; organização de Roseli Cassar Ventrella e Maria Alice Lima Garcia. - São Paulo: FDE, 2006. 232 p.